

Sábado

03-10-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Diversos

Dimensão: 316

Imagem: S/Cor

Página (s): 74



Opinião

PEDRO SANTOS GUERREIRO Director de

Mundos e fundos



As autárquicas e a troika

A troika ganhou ou perdeu as autárquicas? A pergunta é provocatória e propositadamente distorcida. É óbvio que as eleições não podem ser vistas como um plebiscito às políticas de austeridade. Mas os resultados não foram indiferentes para o que aí vem. E o que aí vem é a sétima e a oitava avaliações e, sobretudo, o Orçamento do Estado para 2014. Ora o Orçamento está para sair daqui a três semanas e não terá as boas notícias que Paulo Portas gostaria de dar.

O Orçamento trará mais austeridade. E, mesmo não se sabendo ainda se o Tribunal Constitucional aceita ou chumba o corte nas pensões do Estado, que é a decisão com mais impacto no Orçamento do Estado, há medidas que vão testar a coesão da coligação. Ora, as eleições roeram a força política de Pedro Passos Coelho, desde logo dentro do seu próprio partido, mas também face ao CDS. Nesse sentido, a troika não perdeu as eleições mas perdeu com as eleições. Neste momento o pior cenário em cima da mesa

é haver uma nova crise política. Foi precisamente a crise política do Verão que nos fez andar para trás. Há seis meses, os mercados estavam abertos para Portugal.

O que é curioso saber agora é, nesse sentido, como vai o PS relacionar-se com o Governo. Caminhando Portugal para um novo programa, e desejando-se que seja um programa cauteloso e não um segundo resgate, a participação do PS não vai ser dispensada. A troika, na actual forma ou na futura (com menos peso do FMI e mais peso da União Europeia), exigirá sempre que pelo menos PS e PSD assinem. E faz bem: nenhum programa é credível sem essas assinaturas.

O País é Constitucional

O chumbo do Tribunal Constitucional a medidas do Código do Trabalho foi uma absoluta surpresa. O esforço político para a desvalorizar não. O Governo está tão assustado com o nível das taxas de juro portuguesas que, desta vez, nem se virou contra a decisão, mesmo que ela tenha amputado

um dos objectivos firmados no Código do Trabalho: facilitar o despedimento individual.

Essa reacção do Governo é acertada. Não só porque o Tribunal Constitucional não deve ser constituído inimigo político mas também por causa da imagem externa. A obsessão com as taxas de juro voltou e por más razões: depois da crise política, Portugal voltou a ficar sem acesso a financiamentos sem assistência. Ou seja, os mercados fecharam-se. Mas se a imagem que for passada para fora é de que não há soluções governativas de cortes de custos no Estado que sejam constitucionais, então o retrato será o de um País paralisado, num beco sem saída. E então o mercado fecha-se definitivamente, mandem vir o segundo resgate.

Não basta no entanto desvalorizar os chumbos do Tribunal Constitucional. É um bocado paternalista escrever isto mas a verdade é que o Governo tem de aprender a fazer diplomas dentro da Constituição. Não é verdade que o Tribunal recuse tudo. Por exemplo, o Tribunal já tinha dito que não pode haver despedimento sem uma justa causa concreta quando chumbou medidas na mobilidade da função pública, voltou a fazê-lo agora no Código do Trabalho.

Tem de ser possível governar o País de forma constitucional. Não há neste momento ambiente político para iniciar um processo de revisão da lei fundamental. E o Governo precisa de fazer bem o plano A e de ter prontos planos B. O que o País não pode é ficar num impasse. Porque sem mercados, não há financiamento e há segundo resgate. Evitá-lo deve ser entendido como uma causa nacional. De todas as pessoas. De todos os partidos. ●

Moreira ganhou

As eleições autárquicas tiveram vários vencedores e derrotados. Mas é difícil superar o feito de Rui Moreira no Porto. Não porque tenha sido a vitória mais difícil de todas, mas foi uma das mais significativas. E inesperadas. Rui Moreira não foi (nem é) populista durante a campanha. Com isso, ganhou uma simpatia alargada – incluindo da comunicação social. Rui Moreira está em total estado de graça. E, de alguma maneira, o Porto também.

Jardim perdeu

Um dos maiores perdedores da noite eleitoral é Alberto João Jardim. Há câmaras municipais da Madeira que o PSD agora perdeu que nunca, nunca, mas mesmo nunca eram incluídas na lista das possíveis perdas. É curioso observar como a derrota de Alberto João se vai fazendo aos poucos, em vez de duma vez. E é um bocado incompreensível como é que o próprio não percebe que mais valia sair enquanto está em alta do que entrar nesta agonia lenta.

E as sondagens?

Este ano, as sondagens falharam claramente em várias autarquias, nomeadamente no Porto e em Vila Nova de Gaia. É surpreendente, pois quase todas as sondagens deram até ao fim a vitória a Luís Filipe Menezes (que acabou em terceiro). E mesmo as que previram a vitória de Rui Moreira fizeram-no apenas no fim das eleições e à tangente. Mas Rui Moreira deu uma abada ao segundo e ao terceiro. Estarão as empresas de sondagens impreparadas para candidaturas independentes?